

# Canto de Tebas

Miguel Marques

A tua seiva, mãe, corre morna dentro de ti,  
sem pressa, sugadas forças  
nos objetos que tocas ou acaricias terna.  
Que podridão me meteste na carne para que sinta o seu  
cheiro nauseabundo quando não durmo?  
Não foi por ordem minha que foste torturada,  
abertas cicatrizes por entre sangues e água suja. Já o teu  
útero apodrecia então.  
Lentamente alguém te vestiu.  
Apertou botões, correu fechos, ajeitou meias.  
Lento, o teu corpo arrefeceu, relaxando a bexiga  
e os intestinos e o ventre negro de tão apodrecido,  
mais o seu cheiro nauseabundo.  
Pintaram-te os lábios e os olhos,  
e uma cor nas saliências duras do rosto.  
Pentearam-te com uma escova  
ou um pente de osso, ou com os próprios dedos e unhas.  
Um véu cobriu o caixão aberto.  
Diz-me quando.  
Diz-me que podridão é esta quando não durmo.

Ouve-me: não me ouças,  
não tenho nada que importe ser dito,  
escutado com atenção. Ouve-me, se aprendo o teu corpo  
devagar em forma de árvore  
e as suas veias retardando seiva oculta  
no seu correr frenético.  
Não tenho como dizê-lo.  
Talvez uma mão resinosa solidifique dedos crispados  
no arder  
e as negras unhas quando brilham,  
lançado o movimento, agitados galhos  
numa vontade enfurecida, soprada de vento ao rubro.  
Sentes agora como eles te ferem  
a carne viva?

As pedras suam se lhes der para isso. Sangram,  
se menstruadas.  
Respiram quando encostadas ao peito, muito antes  
dos Homens e das suas estátuas frias.  
As mulheres choram. Sangram. Abafam o choro  
no peito aberto  
procurando a ferida.  
Tão profunda lembrança a de ser mãe, esticam os braços  
no seu encaixe prematuro. A pele ao extremo, e os dias,  
antes das noites e depois deles.  
Trazem cometas nos cabelos longos, fazem tranças  
e os seios reluzem.  
Trazem luz nas mãos, e as mãos nos seios  
por pudor incutido.  
As pedras suam, sangram e respiram.  
São mães, as mulheres luminosas,  
e choram. São pedras em brasa.

A mão presente a sombra quando avança  
na escuridão dos dias. É vê-la hesitar, se conseguires ver,  
tateando paredes e móveis irrequietos  
onde a luz se apaga. Quando lhe disseram: vai,  
entra agora. E para lá da porta que abriu  
serenamente – como quem tira o vaso  
que cobre a vela e em pouco tempo a sufoca –,  
outro quarto  
e outro dia escuro.  
A tua mão presente a sombra,  
tateias os móveis e as paredes,  
eles já trocaram de ordem sem que tenhas dado por isso.  
Quando te disseram: vem, sai agora.  
Aberta a porta, acendida a vela riscando o fósforo,  
esse ligeiro mover de toda a massa do ar  
quando não contida  
e a vela vibra, arrepiada a chama clara.  
Por fim. Queima-te a mão se avanças.